

A porosidade no Largo da Batata, em São Paulo [SP]: cultura como patrimônio imaterial na cidade contemporânea

SELECCIÓN VIII SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN URBANISMO



Mariana Piovan Blümer

Arquiteta e Urbanista, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas [SP] Brasil. <mpiovanblumer@gmail.com>



Jane Victal

Arquiteta e Urbanista. Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo (USP). Pós-Doutorado na Kings College London. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (POSURB PUC-Campinas). Campinas [SP] Brasil. <janevictal@puc-campinas.edu.br>

Resumo

O Largo da Batata torna-se objeto de estudo na busca pela compreensão da Porosidade na cidade como condicionante de ocupação e uso dos espaços públicos pelo ser humano, assim como este próprio se construindo a partir de experiências possíveis por imersão nessa esfera. O espaço público identificado como um espaço de significações, constituído por camadas que denotam as transformações do sentido de lugar. Nesse contexto, os poros são indiretamente percebidos, pois não são possíveis de serem interpretados apenas pelas formas físicas (visuais). Trata-se de uma análise fenomenológica das formas de ocupação atuais somadas às dinâmicas de uso e identidade desse lugar ao longo do tempo, as quais são entendidas aqui como membranas. Investiga-se, portanto, quais são os parâmetros que definem a porosidade? Há relação entre as condicionantes de porosidade física e de porosidade social? Como elas qualificam os espaços urbanos públicos no cotidiano citadino (espaço existencial)? É possível construir porosidade?

Palavras-chave

Porosidade. Paisagem urbana. Espaço público. Projeto urbano.

Porosity in Largo do Batata [Sao Paulo, Brazil]: culture as intangible heritage in the contemporary city

Abstract

The Largo da Batata becomes an object of study in the search for understanding porosity in the city as a condition of occupation and use of public spaces by man, and man self-building from possible experiences for immersion in this sphere. Public space has identified as space of meanings, made of layers that denote the transformations on the sense of place. In this context, the pores are indirectly perceived as they are not able to be interpreted only by the physical forms (visual); this is a phenomenological analysis of modes of today's occupation, the dynamics of use and identity of this place throughout its history - understood here as their membranes. Therefore, we inquire what are the parameters that define the porosity? Is there a relationship between the conditions of physical porosity and social porosity? If so, how they qualify the public urban spaces in the daily city (existential space)? Can we build porosity?

Keywords

Porosity. Townscape. Public-Space. Urban Project.

1. Introdução

Das diversas condicionantes que dirigem o modo de ser nos últimos tempos, a tecnologia e a velocidade são caracterizadas proeminentes, as quais conduzem a novas abordagens no cotidiano do ser humano. Relativizam as relações tanto nas esferas materiais quanto imateriais, alterando a significação das “coisas” percebidas. Criam-se assim, como define Milton Santos (2006), as “paisagens da reflexão e da razão”, resultado da “combinação entre ação presente e objetos da ação”. Objetos e ações modificam significados, os quais metamorfoseiam-se submetidos pelas técnicas e pela diversidade de instrumentos de trabalho. As particularidades dos contextos atribuem características qualitativas e quantitativas ao espaço, o qual é a “síntese, sempre provisória, entre conteúdo social e as formas espaciais” (Santos, 2006).

Aqui vale lembrar Peter Eisenman (2014), quando em uma entrevista recente, discorreu sobre a “necessidade da arquitetura mais do que nunca” como reflexão sobre a atual problemática da convivência entre tempos distintos, ou seja, o lento processo de produção arquitetônica (natural como construção tanto de uma ideia, quanto de sua materialidade) e a percepção e interação das pessoas ao passarem por ela, processo extremamente rápido, pois encontram-se sempre conectadas e conduzidas por essas tecnologias em consequente ritmo acelerado.

A questão levantada, da velocidade a partir da tecnologia, é uma das diversas possibilidades para interpretarmos as relações do ser humano no ambiente urbano hoje e sua relação com o tempo; afirmando assim, abrem-se amplas possibilidades de debates sobre as diversas características da relação forma e experiência. Portanto aqui esse raciocínio nos conduz ao que interessa: retomando Eisenman (2014), em um alerta sobre a necessidade de uma “arquitetura crítica”, menos preocupada em ser nova, e sim boa, bem como uma urgente busca em que o ser humano em (in)evolução reconheça o espaço urbano como habitat.

Segundo Norberg-Schulz (1975), “[...] como la identidad del hombre está establecida em relación con la totalidad del espacio existencial, todos los niveles del espacio arquitectónico tienen que tener su identidad definida”, questão que sugere a coexistência e a interdependência da dimensão do espaço físico urbano e do corpo humano (físico, psíquico e emocional). Aqui, essas dimensões são reflexos de um conjunto de interpretações, significações, definições estas que são adquiridas por meio das vivências, as quais produzem “experiências íntimas” tal como define Yi-Fu Tuan (2013) em seus estudos.

Como produto da experiência, forma-se uma espécie de repertório, o que Olgária Matos (2013) chama de “alargamento da condição de mundo” ao analisar uma condição contemporânea sobre o “tempo sem experiência”, identificando-o como “tempo vazio”. Na concepção de Matos, em um processo entre cognições e sentidos, os corpos imersos em situações e lugares constroem um modo de ser no mundo. Portanto, sua experiência está intimamente ligada ao que se vê e sente, de forma seletiva em relação ao meio. Tal seleção parte das referências íntimas e das especificidades do organismo de cada um: é natural e qualifica a percepção (Tuan, 2013). O ser humano produz paisagem e, ao fazê-lo, torna-se reflexo dela no seu cotidiano. Por isso, busca-se aqui uma interpretação das formas atuando como comunicação entre tempos e espaços, na construção material e imaterial do cotidiano. Segundo Santos (2006), “[...] o objeto tem autonomia de existência devido a sua existência corpórea, mas não tem autonomia de significação”, portanto é importante refletir sobre as escolhas ao construir a cidade em seu determinado contexto, considerando a dinâmica social e a realidade local.

Ao analisar essas relações entre homem e espaço físico, a questão é colocada por Richard Sennett (2008), em seu livro *Carne e Pedra*, onde sugere que “a tela do computador e os bairros isolados da periferia, são consequências espaciais”. Para o autor, o espaço urbano é o lugar por excelência das experiências e atualmente é produzido de forma fragmentada e descontínua, sendo resignificado em seu papel cotidiano como “espaço de passagem”. Essa dinâmica torna os corpos muito mais passivos, um “retraimento defensivo diante dos sentimentos” (Sennett, 2014), portanto gera um enfraquecimento da percepção e da interação, resultado do espaço idealmente organizado e caracterizado pela falta de contato físico, a qual coloca os humanos a se identificarem como estranhos.

Como consequência, a incivilidade, a inurbanidade, a não-relação, o não-pertencimento, os quais se manifestam em atos que são naturalizados no cotidiano das cidades como parte de uma cultura urbana resultante da complexa relação público/privada dos últimos tempos. O resultado disso é o conflito presente na condição das relações coletivas, onde sobressaiu o individualismo bem como, pode-se dizer, o “narcisismo” que dirigiu essas relações na sociedade e no espaço, tal como apontado por Sennett (2014). Portanto, deixamos de nos constituir também no outro, o que impede o reflexo dinâmico de um processo de construção do entendimento do eu e dos mundos, além da identidade e da memória como fatos coletivos.

Assim, torna-se urgente a reflexão e a crítica sobre a produção arquitetônica e urbana que produz espaços de negação das relações humanas e o convívio com os conflitos consequentes desse processo, resultando na condição interdependente e cíclica, moto-contínua, que veio a constituir uma cultura específica. Em contraposição a essa lógica que se tornou cada vez mais comum, há um novo momento de resistência social, onde é possível perceber algumas ações atuando como “sementes sendo plantadas” no espaço urbano, essas conhecidas popularmente como “apropriação do espaço público”.

Essas são ações que resultam na ampliação de discussões mais complexas sobre novas interpretações e compreensões sobre a esfera pública e sobre o potencial da sociabilidade como, por exemplo, as percepções sobre o ser humano deixando a passividade imposta pelo sistema (Silva, 2008), para o viver “ativo” no espaço urbano público, impulsionando ainda mais a alarmante busca pela participação do cidadão ao construir a cidades e praticar escolhas e direitos de “estar”. São novas formas de ler a cidade, de entender seus significados e desenhar sentidos futuros.

Referenciando e relacionando de forma direta alguns estudiosos, como o arquiteto e urbanista Bernardo Secchi e o sociólogo Richard Sennett, nesta reflexão utiliza-se do conceito de porosidade para analisar e discutir projeções urbanas a partir de questões como as levantadas acima. Ao proporem algumas condicionantes desse conceito para explicá-lo e desenvolverem estudos sobre arquitetura e cidade, esses dois autores buscam refletir a partir do debate proveniente de diversas áreas do conhecimento e, entendendo a cidade como um sistema (como possibilidade de identidade e integração), rompem com o urbanismo tradicional abandonando a ideia de “zonas” (as quais classificam, separam e distanciam). Ambos evidenciam a importância sobre uma relação osmótica com o contexto, o que nos permite traçar um complemento também conceitual, definido por Sennett (2013), a partir de uma compreensão sobre o valor urbano de membranas (possível controle sobre a permeabilidade dos poros).

Em seus estudos, foi possível identificar algumas temáticas que se relacionam, a partir de duas condicionantes que se tornaram parâmetros de leituras para o presente estudo: a porosidade física (sobre limites/muros, controles/acessos, público/privado, entre outros à complementar) e a porosidade social (sobre tempo, herança, memória, cotidiano, cultura entre outros à complementar). Investiga-se, portanto, as seguintes hipóteses: quais são os parâmetros que definem a porosidade? Há relação entre as condicionantes de porosidade física e de porosidade social? Como elas qualificam os espaços urbanos públicos no cotidiano cidadão (espaço existencial)? É possível construir porosidade?

O objetivo é verificar a relação entre forma e experiência, voltando o olhar para os valores associados aos patrimônios imateriais na cidade contemporânea, definindo-os como cultura urbana propriamente na medida em que estabelecem os estatutos próprios dessa forma peculiar de ser no mundo. São análises das formas de ocupação somada às dinâmicas de uso e de formação das identidades, construídas ao longo do tempo e entendidas aqui como membranas de permeabilidade. Soma-se a isso a verificação das inter-relações do espaço físico sobre a esfera social, no intuito de complementar o entendimento sobre a porosidade urbana. Para cumprir esse objetivo, o tema será tratado por meio do estudo de caso do Largo da Batata, onde se analisa um contexto contemporâneo da cidade de São Paulo, o qual antes desse momento de resignificação conhecido como Largo de Pinheiros.

Para que sejam compreendidas as camadas dessa paisagem, o estudo é dividido em “três momentos”: a construção da paisagem, a operação urbana e a apropriação contemporânea do lugar.

Nesse processo busca-se uma análise dos fenômenos, um olhar sobre as coisas como elas são, como se apresentam aos sentidos, tomando as narrativas como importantes fontes primárias: uma investigação da existência que “amarra o fio de todo o questionamento filosófico no lugar de onde ele brota e para onde ele retorna” (Heidegger, 2005). São elas: fotos, filme, vídeo, jornais, redes sociais virtuais, croquis e pesquisa de campo.

Não se trata de um processo de construção de uma leitura historiográfica, mas sim de utilizar estas referências e fatos históricos (compreendidos como momentos de inflexão espaço-temporal), no intuito de traçar as apropriadas narrativas atuais, onde as ações ligadas a espacialidades declaram a diversidade de mundos (Matos, 2013). Na recuperação de uma memória, os significados que foram compondo o sentido do lugar se sobrepõem em camadas, formando um contexto que faz sentido para diversas realidades, declarando-o como espaço público por excelência.

2. Construção da paisagem

Trata-se aqui sobre uma das regiões mais antigas da cidade de São Paulo, ao Oeste do centro histórico, onde hoje se localiza o bairro de Pinheiros: uma antiga passagem dos tropeiros para o sul do país. Há relatos sobre já ter sido ocupado no início da colonização da cidade, mas sua tardia relação com o centro — origem da cidade e região onde se concentrou o maior desenvolvimento —, devido a topografia e a distância, esta localidade se caracterizou como borda até por volta da década de 1950, quando foi integrada à área urbanizada.

Na literatura científica consta que já era ocupada por indígenas por volta de 1560 quando passaram à tutela dos jesuítas. Na época, a vila era conhecida como “Farrapos”. O potencial do sítio — localização, quantidade de terras a serem ocupadas e proximidade com o Rio Pinheiros, mas protegido das inundações — proporcionou em pouco tempo a chegada de uma colonização diversificada. Em 1584, a área passou a pertencer a Fernão Dias Paes Lemes, tendo antes sido uma sesmaria doada por Martin Afonso de Souza a Pedro Goés, em 1532. O novo proprietário era um bandeirante que se colocava contra a postura dos jesuítas, expulsando-os. Tempos depois, no local foi construída a Igreja Nossa Senhora de Mont Serrat, ao lado de sua antecedente, que veio a ser destruída (Figura 1).

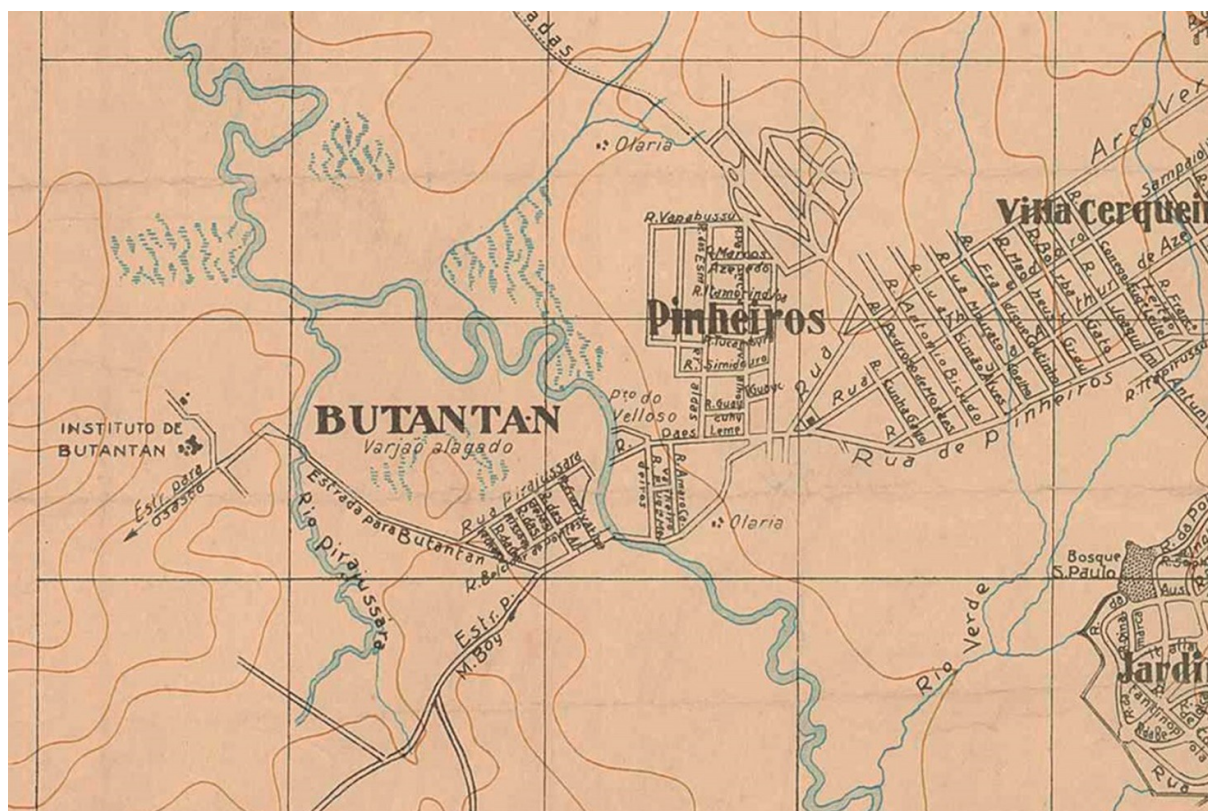


Figura 1. Detalhe da Planta da Cidade de São Paulo – Mostrando Todos os Arrebaldes e Terrenos Arruados – 1924.
Fonte: http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/

Nesse novo contexto, o Largo de Pinheiros tornou-se atração de pessoas vindas dos povoados e de romarias. Já marcava a região o seu traço de núcleo de caminhos radiais para outras localidades, contribuindo para fortalecer seus potenciais. Com o passar do tempo, por causa da atividade agrícola nos arrabaldes da cidade e devido à confluência de caminhos, intensificou-se a presença de colonos de diversas origens, que veio a ser mais efetivado pela construção da ponte sobre o rio, no século XVIII, esperada desde 1632. Uma localização mais estreita do rio Pinheiros condicionou a facilidade de acesso. Nesse momento foram possíveis a transposição e a relação cotidiana com a região do Butantã, ao sul, e também ampliando caminhos de exploração às vilas de Parnaíba, Cotia, Itu e Sorocaba, fortalecendo as relações comerciais e agrícolas.

No século XIX, concentrou-se ali atividades voltadas ao abastecimento de produtos agrícolas, fazendo surgir em seguida o Mercado dos Caipiras, onde também se consolidou a Cooperativa Agrícola de Cotia. Essa última era uma companhia Japonesa que contribuiu para a imigração deste grupo étnico, tornando-se esta área um núcleo importante da colonização nipo-brasileira na cidade de São Paulo e com uma densidade considerável de residências Nikkeis, como é possível observar nos dados do mapa de Distribuição de Residências (Coletividade Nipo-Brasileira de Pinheiros, 1962).

A partir da implantação inicial do comércio de produtos agrícolas, a região se consolidou tendo como centralidade o Largo de Pinheiros e o Mercado dos Caipiras (Figura 2), ampliando a diversidade de serviços e comércio. Casas de produtos e especiarias típicas de diversas regiões do país, como as de influência nordestina, são exemplos que contribuíram para o futuro de um lugar que veio a ter uma diversidade de etnias, crenças e atividades. Foi inaugurado nesse contexto, em 1907, o Entrepasto, atual Mercado Municipal de Pinheiros na rua Pedro Cristi, localizado entre as ruas Cardeal Arcoverde e Teodoro Sampaio.



Figura 2. Antigo Mercado dos Caipiras, anos 1910. Fonte: <http://cidadesparaquem.org/blog/2014/1/17/largo-da-batata-do-popular-ao-elitizado-entrevista-a-amlia-dos-santos-gazeta-de-pinheiros>

Essas atividades foram consolidadas numa época em que as linhas de bonde foram implantadas fazendo a ligação entre a localidade e o centro histórico, reduzindo a sua condição de “fora da cidade”. A partir da década de 1900, por conta dos bondes, se desenvolveu como área residencial de pequenas indústrias e comércio. Apenas em 1960 se iniciam maiores intervenções urbanísticas, época considerada como “divisor de águas” para a região. A sua característica peculiar, primeiramente associada ao rio e posteriormente aos caminhos (e finalmente à importantes elementos do sistema viário urbano), fez com que o Largo de Pinheiros (Figura 3) estivesse associado ao fluxo urbano intenso. Sua vocação para o comércio advém deste fluxo, mas outras feições o caracterizam associadas à uma diversidade cultural bastante interessante.

Essas mudanças do cotidiano foram significativas e consequentes de um momento de grandes mudanças em toda a cidade em busca de modernização e exploração de tecnologias e novas demandas infraestruturais por conta do crescimento urbano (econômico e populacional). Empresas privadas como o grupo Light e a Companhia City (ambas iniciando as intervenções urbanísticas nos primeiros anos de 1900), foram atuantes com investimentos urbanísticos de grande dimensão, os quais em Pinheiros tiveram impactos intra-urbanos, em especial, sobre um adensamento de população em novos empreendimentos imobiliários, consolidando uma crescente área habitacional e resignificando suas características em sua relação com a cidade em maior totalidade e complexidade.



Figura 3. Largo de Pinheiros: primeira linha de bonde chegou ao bairro em 1909. Fonte: <http://cidadesparaquem.org/blog/2014/1/17/largo-da-batata-do-popular-ao-elitizado-entrevista-a-amlia-dos-santos-gazeta-de-pinheiros>.

Entre outras mudanças significativas nesse ambiente citadino, uma das mais importantes para esse contexto, e também com reflexo em toda a cidade, foi a retificação do Rio Pinheiros com o objetivo de abastecimento da Represa Billings (idealizado e construído entre as décadas de 1920 e 1940), visto como solução de energia abundante e mais barata. Esta mudança, operada primeiramente no final da década de 1930 e posteriormente novas intervenções no final da década de 1950, transformou a relação do rio com a cidade.

Antes, o desfrute da água tinha relação direta em diversas atividades: transporte, lazer, esporte e qualidade paisagística conectada aos seus contextos lindeiros. Posteriormente, o rio “perde suas margens” e sua atividade natural (portanto, sua movimentação e cheias também são transformadas) e, com o tempo, a evolução urbana, o aumento populacional, as degradantes interferências do homem e suas relações cada vez mais complexas com o ambiente, suas águas poluídas impediram o abastecimento da represa, assim como seu escoamento em outras águas. Hoje, perdeu sua relação saudável com o ambiente citadino e sua natureza biológica, podendo ser considerada uma lagoa, com águas paradas e sem vida.

O seu espaço se metamorfoseou com o tempo, fortalecendo a ativa relação com a memória coletiva. Há, ali, valores que necessitam ser interpretados e que se tornaram historicamente importantes na transição de cada geração. O espaço foi sendo construído coletivamente a partir de suas qualidades urbanas e culturais e seus atributos foram constituindo o patrimônio material e imaterial presentes, formando um lugar de grande valor identitário. As diversas narrativas associadas a ele, elaboradas ao longo tempo, podem ser amplamente analisadas como fonte para o entendimento dos significados urbanos e principalmente sua condição de lócus privilegiado de urbanidade, além de apontar para o potencial de seu futuro no contexto urbano contemporâneo como um espaço poroso.

A mescla de pessoas e a diversificação de atividades habitam-nos a observar a cidade e o território com olho de arqueólogo; a compreender que os diversos estratos históricos, centro antigo, cidade moderna, sua periferia, a fragmentação e a dispersão da cidade contemporânea,

mesclam-se entre si [...] Mescla, diversificação e obsolescência, sucedendo-se destroem valores posicionais e continuamente propõem novos problemas culturais [...] as suas práticas sociais, a seus usos e atividades, aos ruídos, aos odores, se refiram às temporalidades sobrepostas e entrecruzadas (Secchi, 2012 p.91).

3. Operação Urbana Consorciada Faria Lima

Até meados da década de 1990, a área ainda permanecia com sua histórica diversidade cultural e vocação para o comércio. Era ainda possível identificar no cotidiano as feições herdadas de seu contexto inicial: havia pequenas atividades hortifrutigranjeiras que se instalaram tanto em barracas na calçada como em edifícios, a maioria de dois pavimentos com o comércio no térreo. Com os bondes e depois com o terminal de ônibus, o fluxo de pessoas e de mercadorias se potencializou, trazendo uma diversidade de serviços como açougue, sapateiro, armarinhos, cabeleireiros, botecos, entre outros. Ademais, somaram-se atividades informais, que ganharam nesse local importância e dinâmicas próprias como, por exemplo, os camelôs; as calçadas eram espaços ativos, de rico valor simbólico associadas às trocas de informações, mercadorias e relações sociais. Alimentado por uma cultura densa de significados, revitalizava-se a cada dia com as transformações paulatinas e as novas lógicas da cidade.

Em 1995 foi aprovada a lei que regulamentou a Operação Urbana Consorciada Faria Lima (Lei 11.732/1995), uma das várias operações propostas para a cidade nessa época. Essas operações são definidas pela lei Federal Brasileira do Estatuto da Cidade, com possibilidades de atuação compartilhada entre os setores público e privado, efetuados em consórcios para projetos e financiamentos. Na prática, acabam flexibilizando mudanças sobre legislações estruturantes e antecedentes a ela, como nos parâmetros urbanísticos de Taxa de Ocupação e Coeficiente de Aproveitamento.

A Operação Urbana Consorciada Faria Lima (Lei 11.732/1995) compreende 650 hectares e está situada na região sudoeste do município de São Paulo. Tem por objetivos principais reorganizar os fluxos de tráfego particular e coletivo ao implantar o prolongamento da avenida Faria Lima interligando-a às avenidas Pedroso de Moraes e Hélio Pellegrino até alcançar a avenida República do Líbano, além de construir terminal multimodal junto a estações da CPTM e Metrô. Também são objetivos importantes da Operação promover a reurbanização do Largo da Batata e urbanizar as favelas em seu perímetro, ou entorno imediato. Sua adequação ao Estatuto da Cidade resultou na Lei 13.769/04. Os recursos auferidos a partir das propostas de participação na Operação Urbana Consorciada Faria Lima, incluindo outorga e CEPAC, foram investidos, nas principais intervenções, tais como: construção dos túneis jornalista Fernando Vieira de Mello e Max Feffer; prolongamento da Avenida Hélio Pellegrino; implantação de avenida duplicada no eixo formado pela Rua Funchal e Rua Haroldo Veloso; reconversão urbana do Largo da Batata/Terminal Capri (Fase 1); e, habitações de interesse social. (São Paulo, 1995).

Sua implantação contou, em 2001, com um projeto de grande escala que, segundo suas diretrizes, propunha melhorias viárias e de equipamentos urbanos, qualificação de áreas públicas e da vida do entorno, valorização de paisagem, estímulo ao adensamento e provisão de infraestruturas. Esta intervenção deveria atingir de forma indireta outros espaços no seu entorno. Para isso foram feitas aquisições de imóveis, bem como previsão de desapropriações visando a implantação de “áreas criadas” para geração de espaço público. Especificamente no Largo da Batata e entorno imediato, uma área de 25 hectares e um dos pontos principais da intervenção, foi o projeto designado por “Reconversão Urbana”, contando com um novo terminal de ônibus e com a estação de metrô Faria Lima. Além do terminal intermodal de transportes, concentrou-se o interesse sobre a abertura do espaço público e, além das desapropriações com essa finalidade, houve a intenção de valorização do potencial imobiliário nas áreas lindeiras.

Para efetivação da Reconversão Urbana foi proposto um Concurso Nacional de Projeto em 2002, ministrado pela Prefeitura Municipal de São Paulo e pelo Instituto de Arquitetos de São Paulo (IAB-SP) que determinava que os projetos seguissem as diretrizes da “OUFL”; a priori, mantendo os interesses municipais e políticos, mas ampliando com diretrizes próprias de acordo com os partidos defendidos por cada proposta específica. Houve apoio e ansiedade das pessoas que viviam ali — assim como de trabalhadores, comerciantes e pessoas que construam o cotidiano desse lugar —, sobre as novas possibilidades e qualidade do espaço, mas não houve participação dos mesmos nessa transformação em nenhuma das etapas do processo. O projeto vencedor foi do escritório Tito Livio Frascino Arquitetos Associados, em colaboração dos arquitetos Rosa Ribeiro, Leticia Lodi, Alexandre Stefani, Andrea Soares e Rosa Maria Leal.

Entendemos que o objetivo maior desta intervenção deverá ser a melhoria, ampliação e promoção qualitativa do espaço público. Nesta ótica, além da proposta dos equipamentos necessários para a concretização desta ideia, foram equacionados os seguintes fatores indutores: Impacto a ser motivado pela alteração radical do sistema de transporte e a nova relação metrô-ônibus e como consequência, a readequação dos espaços e os fluxos de veículos e pessoas; Reacomodação e "sutura" do eixo viário Faria Lima ao tecido local; Adensamento imobiliário abrangente e genérico protagonizado pela operação urbana Faria Lima; Reafirmação da vocação comercial a leste e oeste da avenida que deverá conviver com os novos usos induzidos pela OUFL; Aproveitamento das potencialidades existentes de maneira geral e em particular de imóveis e terrenos improdutivos para equipamentos e na busca da continuidade do espaço público. Neste sentido a proposta das ações apresentadas a seguir quando conjugadas em estratégia de gestão pública economicamente sustentada, poderão compor o elenco do que, em edital, foi denominado de Reconversão Urbana do Largo da Batata. (Fracino, 2002).

Com intenção de ampliar os espaços a serem conectados ao Mercado Municipal, foi proposto uma Esplanada composta por novas praças entre as ruas Teodoro Sampaio e Pedro Cristi, favorecendo o acesso de pedestres à atividade comercial e também aos edifícios, possibilitando a locação de espaços para feira livre permanente em busca da recuperação das atividades típicas de seu antigo eixo comercial. Antes à céu aberto, o terminal de ônibus foi transferido para um quilômetro mais próximo à marginal do Rio Pinheiros. A proposta contou com um sistema viário de conexão para facilitar a circulação entre a Esplanada e o Terminal Pinheiros, removendo travessias e aliviando os cruzamentos em busca de melhor acessibilidade. Finalmente, o programa básico previa projetos arquitetônicos indutores de regeneração urbana com serviços urbanos e edifícios culturais: estacionamentos subterrâneos, praça comercial, torre de serviços, centro de eventos e auditório, entre outros, visando a consolidação de uma "renovação" a partir da conversão urbana e transformação do cotidiano dos moradores e transeuntes deste contexto urbano.



Figura 4. Vista geral da praça da Proposta vencedora no concurso para Reconversão Urbana.
Fonte: 19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito, 2013.

Parte do projeto proposto foi construído, outra parte modificada ao longo do processo de discussões executivas e outra suprimida (como alguns referentes a manutenção e colocação de mobiliários urbanos). Há, portanto, contradições e adaptações entre discurso e desenho assim como legislação e diretrizes sobre o projeto. Em especial tratou-se com pouca cautela ou, pode se dizer, com importância secundária a transformação de um cotidiano consolidado e heterogêneo (em relação a diversidade de características como étnicas, de classes e de uso dos espaços), optando por um caráter excludente ao redefinir as lógicas locais, ou seja, ao propor verticalização, adensamento, foco na continui-

dade do eixo empresarial da Avenida Brigadeiro Faria Lima. Portanto, a médio prazo, induziu-se a produção de uma nova localização onde o valor simbólico transformou-se em valor de mercado.

Essas questões aqui levantadas foram tratadas de forma bastante semelhante entre os primeiros colocados do concurso, permitindo-nos analisar as relevâncias no momento de construção da ideia no processo de projeto. Os conteúdos das propostas dos principais projetos estavam circunscritos por esses critérios associados ao mercado imobiliário, diferenciando-se apenas quanto aos desenhos, ora menos incisivo, trabalhando o miolo de quadra, ora mais ousado, como o que venceu e determinou a demolição quase que completa de parte do tecido urbano anterior. Esse último, porém, apresentou uma análise contextual mais precisa — tanto sobre as legislações e o mercado, quanto sobre a memória do lugar. O diagnóstico das condições do contexto urbano na pré-leitura da paisagem é narrado pelos arquitetos e paisagistas responsáveis pelo projeto vencedor da seguinte forma:

Neste último aspecto, porém, é importante considerar a inevitável mutação em alguns hábitos e atividades do Largo da Batata. Grande parte da população que passava pelo Largo da Batata tinha como objetivo realizar a baldeação entre linhas de ônibus de regiões-dormitórios à Oeste com as linhas que atendiam o centro da cidade. Com esta característica de ocupação, ao longo do tempo, surgira todo tipo de comércio ambulante e barracas, que ocupavam calçadas e espaços públicos disponíveis. Somado a isso, a fraca iluminação e as más condições de conservação viária e dos passeios, configuravam uma vizinhança deteriorada em uma das principais regiões econômicas da maior cidade brasileira". (19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito, 2013, p.3).

Até esse momento de intervenção tratava-se, de fato, de um espaço polissêmico. Canevacci (2004), utilizando o termo “polifônico”, define um lugar de cenário complexo, comparando-o à uma polissemia de “instrumentos e sons” com proliferação de tempos, de personagens, de escalas, constituindo uma rica paisagem cultural. A interpretação e tratamento da equipe vencedora do concurso sobre essa paisagem cultural foi descrita da seguinte forma:

Alguns segmentos do tecido urbano, na área foco, guardam as características da estrutura fundiária do século XVII, com pequenas edificações em lotes estreitos e longos, testadas desalinhadas em agrupamentos de baixa densidade. O projeto manteve alguns desses bolsões como memória, elegendo algumas ruas como calçadas de pedestres e acesso de veículos controlados. Espera-se que haja, com as melhorias, a manutenção das edificações com restauro para comércio local, bares, restaurantes em atividades que sejam atrativas e que animem o bairro. (19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito, 2013, p.8).

Apesar do respeito demonstrado no projeto pela preservação desses bolsões de memória, a valorização do solo e a pressão por parte dos empresários do setor imobiliário conduziram à minimização das intenções iniciais, bem como o adiamento da implantação das medidas voltadas à preservação do lastro cultural do largo e suas imediações.

4. Construção contemporânea do lugar

Com a demolição do antigo tecido urbano para a construção das obras da Operação Urbana Consorciada Faria Lima, os comércios informais já não mais se interessaram por esse espaço. Assim também ocorreu o fechamento dos típicos serviços e comércios da área, que não se sustentaram devido aos transtornos ocasionados pelo cotidiano conturbado do período das obras. Essa situação foi gerada também por conta da supervalorização imobiliária, induzindo a saída de muitos moradores que tradicionalmente viveram ali. Hoje esse espaço está presente nos debates mais atuais sobre a cidade, trazendo à luz o problema do habitat do homem como determinante da qualidade de vida urbana e da “apropriação” do espaço público como construção do sentido do lugar (bem como a construção semântica por meio da ação coletiva).

Após tantas mudanças, em especial a demolição de um rico contexto histórico-morfológico, o Largo da Batata tornou-se um espaço árido, um grande vazio resultante de um desenho fechado — *closed design* (Sennett, 2013). Na descrição do autor, a condição de “forma fechada” é menos compatível com a flexibilidade e a diversidade dos movimentos necessários à vida contemporânea.

ne, portanto seu desenho físico funciona como um sistema fechado (*closed sistem*): delimita e pré-define as relações humanas com o ambiente.

Por consequência, comum em grande parte das construções feitas nos últimos tempos nas diversas escalas da cidade, o fechamento físico determina e induz às vivências como sociabilidades pré-estabelecidas. Mas é também identificável, nesse caso do Largo da Batata, um espaço aberto, possível a partir de uma porosidade social que pode funcionar como um sistema aberto — *opened sistem* (Sennett, 2013) —, ou seja, um espaço à ser compreendido e reconstruído a partir de seus valores e significados, fruto das condições imateriais atuantes na esfera social. O que pode parecer contraditório, no entanto, para a observação empírica, fora demonstrado que nesse contexto, embora não haja há porosidade física, manteve-se certa porosidade social: a possibilidade de haver independência de uma sobre a outra, criando determinada dinâmica sócio espacial, é um dos aspectos a ser investigado nessa pesquisa (Figura 5).



Figura 5. Praça “seca” construída no Largo da Batata após as intervenções da Operação Urbana (2001), Pinheiros, São Paulo [SP]. Foto: Mariana P. Blümer, 2016.

Portanto, verifica-se atualmente a convivência de uma dinâmica complexa: a coexistência de mundos, de interesses, de possibilidades e de apropriações sobre esse espaço. Essa realidade reafirma o potencial e o sentido de lugar (*sense of place*) desde seu surgimento até hoje, mesmo depois de processos que o metamorfosearam, fortalecendo seu valor qualitativo de lugar, ainda reflexo de um espaço coletivo autêntico. Essas ações modificam parte dessa paisagem complexa, pois há diversas formas e realidades de ocupação desse espaço, composto por sons, personagens, os quais estão reconstruindo as condições desse lugar. Partindo-se do entendimento de paisagem como algo de paulatina mudança, tratou-se até aqui sobre a paisagem do Largo da Batata. Para o momento seguinte de leitura, o uso apropriado é a palavra espaço, portanto, algo em movimento, em atividade (Santos, 2006): o espaço Largo da Batata a partir de sua porosidade social, descrita a seguir, consequente da memória presente.

O valor intrínseco da imagem dessa paisagem acabou sendo apropriado por interesses políticos e econômicos, os quais hoje são dirigidos, principalmente, pelo mercado imobiliário, setor fortemente atuante não só nesse contexto, mas sobre as cidades de forma geral na atualidade. No entanto, nesse espaço ocorrem também situações com intenções coletivas de convívio e até mesmo, pode-se dizer, comunitárias. Elas têm o objetivo de fortalecer um movimento contemporâneo de desfrute do espaço público alimentado por uma esfera de convivência entre as pessoas. São atividades que unem pessoas com os mesmos interesses, fortalecendo as identidades, mas também criando proximidades entre estranhos dando vida ao espaço na medida em que constrói o próprio ser em sua experiência com o lugar, tornando-os ativos, seres humanos e espaços (Figuras 6 e 7).



Figuras 6 e 7. Mobiliários Urbanos e Plantio Coletivo (respectivamente), construídos por ações coletivas de ocupação. Largo da Batata, Pinheiros, São Paulo [SP]. Fotos: Mariana P. Blümer, 2016.

Entre algumas delas é curioso destacar os movimentos “Rede do Forró” e “A Batata Precisa de Você”, que buscam a transformação do espaço com qualidade de convivência e fortalecendo as relações com a memória. Esses, e uma série de outros pequenos movimentos presentes, estão possibilitando os debates sobre a memória local, construção de mobiliários urbanos, oficinas, atrações musicais, entre outras atividades que fazem em parcerias com outros grupos e também com a prefeitura. A proposta destes grupos é ampliar a discussão sobre o papel do espaço público hoje e também aproximar a população às ações de poder público.

Os grupos, com diferentes identidades, apropriando-se da condição em que área foi entregue após as obras, interpretam a oportunidade de resignificar o lugar abrindo-o para distintas formas de uso que conduzem à sua reconstrução semântica e, para isso, partem da valorização qualitativa do espaço. Tal como no Largo da Batata, fenômenos urbanos de ressignificação a partir de ações coletivas estão surgindo em grandes, médias e pequenas cidades em várias partes do mundo, constituindo uma nova dinâmica de cultura urbana. Esta refere-se a um “sentido subjetivo, em que os participantes constituem um todo”, “relações entre vontades humanas [...] com vinculação afetiva, originária e essencial”, que “se orienta pelo propósito de impor a própria vontade contra a resistência de outra parte”, como define Eunice Ribeiro Durham (2004) ao citar Max Webber, em seus estudos sobre comunidade e sociedade.

Criou-se, em consequência da dimensão que esse espaço tomou atualmente, uma dinâmica de cultura em sociedade que se soma como mais um cenário (Figura 7). Este processo, além do resultado da ação dos movimentos de ocupação e também do valor semântico dessa paisagem para os tempos atuais, é também o reconhecimento deste como um espaço democrático, de cidadania e civilidade. Entendido a partir de estudos de Durkheim em Duhram (2004), pode-se dizer que este é também um espaço de “racionalidade, luta e confronto”, coexistente ao cenário de sentido comunitário, “que se inspira em uma compensação de interesses por motivos racionais (de fins e valores) ou de uma união de interesses com igual motivação”.

O Largo da Batata também foi palco de grandes manifestações sobre a situação política, educacional, econômica e de saúde em que o país se deparou anos atrás — como as Jornadas de Junho (2013) onde houve a mobilização de pessoas de norte a sul do país nas ruas —, servindo de ponto de encontro para a caminhada até a ponte Estaiada (Ponte Octávio Frias de Oliveira, que apenas permite passagem de automóveis) e de locação de palanque político nas últimas eleições (2014), tornando-se local privilegiado de passeatas sobre diversas questões do atual universo político brasileiro.

5. Conclusão

Conclui-se que além das racionalidades, as quais são identificadas como consequentes e reflexo de um espaço de densidade em relação a esfera social, é possível identificar que há também uma possibilidade da ação, o que quer dizer o “sujeito atuando a partir de suas próprias ações”, e não

apenas condicionado a algo como um ser passivo, referenciado nos estudos de Silva (2012). O filósofo desenvolve uma análise sobre o caminho de individualismo que foi tomado pelos seres humanos nos últimos tempos, os quais tornam-se condicionados como uma “peça de um sistema”, colocando-os como passivos em suas atividades.

Silva alerta sobre a necessidade de buscar um caminho coerente, em equilíbrio com as normas e limites que o ambiente civil impõe. Portanto, quanto a isso, o autor pronuncia-se da seguinte forma: “as possibilidades da minha liberdade determinam os limites de até onde ela pode ir, até onde posso desfrutá-la [...]” (Silva, 2012). Coloca-se então a necessária busca pelo convívio na cidade como uma possibilidade de construção de um caráter civilizador.

O que ocorre atualmente no Largo da Batata, refere-se à reinterpretação do patrimônio material e, especialmente para esse estudo, patrimônio imaterial na cidade por meio de narrativas contemporâneas. Os valores da memória estão presentes na medida em que há convivência dos tempos construídos por condicionantes distintas, resultando em uma polissemia de valores e de cenários. Essas narrativas são camadas a serem costuradas no cotidiano, necessariamente consideradas e respeitadas em processos como os de mudanças, redesenhos, destruições e construções. Essas relevâncias são importantes para alimentar a cidade com culturas a serem reconstruídas a partir da paisagem existente, processo que favorece a reconstituição das identidades espacial, social e individual dos seres humanos.

São Paulo é um híbrido urbano, um sincretismo topológico-territorial no qual se sobrepõe os sentidos de uma intensa pós-modernidade aos dolorosos — e às vezes mesmo perigosos e tristes — aspectos de uma pobreza que as minhas etiquetas antropológicas se recusam a definir como ‘terceiomundistas’. É este o novo grande fetiche-virtual urbano que parece ter a comunicação como seu elemento hegemônico, aquelas comunicações polifônicas que se inserem de maneira ‘desordenada’ no interior das categorias clássicas de produção-circulação-consumo das mercadorias (Canevacci, 2004, p.17).

É possível hoje — novamente — o Largo da Batata, enquanto paisagem urbana, reafirmar o valor de lugar nessa nova condição polissêmica de coexistência de distintos cenários. Alimentado pelo reflexo polifônico da cidade de São Paulo, este processo ressoa em várias escalas. No caso deste estudo, na escala local, qualificada a partir de suas várias camadas construídas no espaço e no tempo, esta condição da memória coletiva como uma membrana permeável possibilitou a formação de uma porosidade social. Desta maneira, a falta de porosidade física motiva os cidadãos à reconstruí-la, ou seja, é possível que o poro social transforme o espaço de forma a construir o poro físico, contribuindo para a preservação da urbanidade local.

6. Referências

- Canevacci, M. (2004). *A cidade polifônica: ensaio sobre antropologia da comunicação urbana* (2a.ed.). São Paulo: Studio Nobel.
- Coletividade Nipo-Brasileira de Pinheiros. (1962). Recuperado em 07 outubro, 2015, de <http://media.discovernikkei.org/articles/2352/map-5-2sm2.jpg>
- Concurso Nacional de Projeto de Renovação Urbana do Largo Da Batata. Recuperado em 17 outubro, 2015, de <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/02.017/2143?page=2>
- Durham, E.R. (2004). *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.
- Eisenman, P. (2014). *Creo que la arquitectura es más necesaria que nunca*. Interview: NY. Retrieved May 5, 2015, from https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=JyKSkYEK5Is
- Fraschino, T. L. (2002). *Concurso. São Paulo*. Recuperado em 17 outubro, 2015, de <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/02.017/2143?page=2>
- Heidegger, M. (2005). *Ser e tempo* (15a.ed.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Matos, O. (2013). *Tempo sem experiência*. Recuperado em 22 outubro, 2015, de <https://www.youtube.com/watch?v=arANFGj10Tg>

Norberg-Shulz, C. (1975). *Existencia, espacio y arquitectura*. Barcelona: Blume.

Ocupação Regular Colaborativa “A batata precisa de você”. (2014). *Largo da Batata, Pinheiros, São Paulo*. Mistura Urbana. Recuperado em 07 outubro, 2015, de <http://misturaurbana.com/2014/10/a-batata-precisa-de-voce-a-ocupacao-regular-colaborativa-do-largo-da-batata/>

Proposta Vencedora no Concurso para Reconversão Urbana (2013). *19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito. São Paulo*. Recuperado em 07 outubro, 2015, de http://www.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/10/06/87D2B872-0C0A-4A1B-A276-C50A4A19A5DD.pdf

Renovação Urbana e Mobilidade: O Projeto do Largo da Batata (2013). *19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito. Brasília*. Recuperado em 07 outubro, 2015, de http://www.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/10/06/87D2B872-0C0A-4A1B-A276-C50A4A19A5DD.pdf

Santos, M. (2006). *A natureza do espaço, técnica, tempo, razão e emoção* (4a.ed.). São Paulo: Edusp.

São Paulo (1995). *Operação Urbana Consorciada Faria Lima (Lei 11.732/1995)*. São Paulo: Prefeitura Municipal. Secretaria de Desenvolvimento Urbano. Recuperado em 17 outubro, 2015, de http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/operacoes_urbanas/faria_lima/index.php?p=19591

São Paulo (Município). (2000, fevereiro, 24). A Operação Urbana Faria Lima: relatório dos resultados obtidos: agosto de 1995 a dezembro de 1999. *Diário Oficial do Município de São Paulo*.

Secchi, B. (2012). *Primeira lição de urbanismo*. São Paulo: Perspectiva.

Sennett, R. (2008). *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Best Bolso.

Sennett, R. (2014). *O declínio do homem público*. Rio de Janeiro: Record.

Sennett, R. (2013). *The open city*. Retrieved May 31, 2015, from <https://www.youtube.com/watch?v=eEx1apBAS9A>

Sennett, R. (2013). *The open city*. Retrieved May 31, 2015, from <https://www.richardsennett.com/site/senn/UploadedResources/The%20Open%20City.pdf>

Silva, F. L. (2008). *As tramas do contemporâneo*. Recuperado em 22 outubro, 2015, de <https://www.youtube.com/watch?v=-6Ancgreos>

Tuan, Yi-Fu. (2013). *Espaço e lugar*. Londrina: Eduel.